

A IDEIA DE CURRÍCULO CONSTELACIONAL COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO ANTIFASCISTA A PARTIR DE WALTER BENJAMIN

THE IDEA OF CONSTELLATIONAL CURRICULUM AS A STRATEGY FOR ANTIFASCIST EDUCATION BASED ON WALTER BENJAMIN

Márcio Jarek¹

<https://orcid.org/0000-0001-8611-6060>

Resumo: O objetivo principal é explorar a ideia de um "currículo constelacional" que pode ser pensado a partir da obra de Walter Benjamin como uma abordagem crítica da educação enquanto educação antifascista. Traz ainda alguns resultados de atividades de pesquisa e de extensão realizadas na UFRJ em parceria com o NESEF/UFPR. Nessas atividades, ao avaliarmos aspeculiares visões benjaminianas sobre a educação e sobre a infância, chegamos à compreensão de como a filosofia de Benjamin pode ser mobilizada na construção de práticas pedagógicas mais críticas e socialmente engajadas no combate às novas formas de fascismo. A escolha de Walter Benjamin como principal referencial teórico se justifica pela sua maneira única de enfoque sobre a cultura, a história, a técnica e a política, que oferece um ponto de vista mais sensível sobre os processos formativos atuais diante das constantes ameaças autoritárias.

Palavras-chave: Educação antifascista; Currículo; Walter Benjamin.

Abstract: The main objective is to explore the idea of a “constellational curriculum” that can be thought of from the work of Walter Benjamin as a critical approach to education as anti-fascist education. It also brings some results from research and extension activities carried out at UFRJ in partnership with NESEF/UFPR. In these activities, by evaluating Benjamin's peculiar views on education and childhood, we came to understand how Benjamin's philosophy can be mobilized in the construction of more critical and socially engaged pedagogical practices in the fight against new forms of fascism. The choice of Walter Benjamin as the main theoretical reference is justified by his unique approach to culture, history, technology and politics, which offers a more sensitive point of view on current educational processes in the face of constant authoritarian threats.

Keywords: Anti-fascist education; Curriculum; Walter Benjamin.

“As ideias relacionam-se com as coisas como as
constelações com as estrelas”

¹ Professor adjunto de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ). Doutor em filosofia pela PUC-Rio com estágio de pesquisa pela Universidade de Paris (Paris VIII – Vincennes - Saint-Denis). Pós-doutorado em Educação (PPGE/UFPR). E-mail: m.jarek@hotmail.com .. <http://lattes.cnpq.br/4520414020505730>

1. Introdução: Walter Benjamin e a educação a contrapelo

Para quem não conhece muito bem o pensamento do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) cabe indicar que há uma passagem famosa de um trabalho igualmente famoso do autor (suas teses *Sobre o conceito de história*) que nos convoca a pensar “a tarefa de descobrir a história à contrapelo” (Benjamin, 2012, p. 245). Tal tarefa, acrescenta o pensador, seria indispensável para não constituirmos uma “empatia” (uma espécie de amor acedioso) com um “cortejo triunfal” de uma única versão da história proposta, quase sempre, pelos vencedores, por esta ou aquela classe dominante e hegemônica. Tal convocação nos mobiliza a pensar a contrapelo todos os aspectos da história, da economia à política, do direito à religião, das ciências às artes e aqui, lembrando a observação de Sônia Kramer (2009, p.299) sobre Benjamin, nos cabe “pensar a educação a contrapelo”, mais especificamente, pensar o currículo a contrapelo.

Assim, neste trabalho, nos propomos a tal tarefa mobilizando, entre outros, alguns conceitos do próprio pensamento do filósofo alemão tais como o de “mimese”, de “experiência” e, com destaque, a noção de “constelação”, não sem auxílio dos comentadores da obra de Benjamin. Em especial os pesquisadores que, como o estadunidense Tyson Lewis, buscam compreender a relação da obra do pensador com o campo de estudos sobre a educação buscando elementos para a construção de uma concepção bastante peculiar e crítica de currículo como um conjunto constelacional de ações, práticas, técnicas, performances e jogos que possuam a força necessária (como uma frágil força messiânica talvez)² para enfrentar o quadro atual de interferência cultural do fascismo no âmbito da educação.

Nossa tarefa de escovar a educação a contrapelo tem contado com a leitura atenta de trabalhos de Benjamin voltados principalmente para a infância e a educação e com o diálogo e a troca com professores/as de diferentes áreas, instituições e níveis de ensino em atividades diversas de pesquisa e de extensão desenvolvidas na UFPR e na UFRJ. Ainda em fase inicial, esta pesquisa pretende/promete um diálogo crítico futuro com campos de estudos educacionais atuais como o das Teorias Críticas do Currículo (como a Nova Sociologia do

² Em vários trabalhos de Walter Benjamin está presente a peculiar ideia de “força messiânica”. Em particular nas suas teses *Sobre o conceito de história*, elaborado em 1940, no contexto de auge do nazifascismo e da Segunda Guerra Mundial, o filósofo faz menção a uma força que surge da capacidade de perceber e agir de acordo com a possibilidade de interromper e transformar o curso da história. É messiânica porque simboliza esperança e redenção, mas é frágil porque é fugaz e pode ser facilmente esmagada pela força dos poderes estabelecidos (Cf. Benjamin, 2012, p.242).

Currículo de Michael Young)³e servir como subsídio a reflexão e a avaliação sobre a(s) reforma(s) da Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, no país.

2. A ideia de constelação

Tomando por comparação o que se compreende na astronomia e longe, muito longe, de algumas compreensões populares da noção de constelação (ou mesmo de “constelacional”) - difundidas amplamente pela mídia e pelas redes sociais atuais, que as utilizam como metáforas para práticas pseudocientíficas terapêuticas⁴ - Walter Benjamin emprega o termo constelação, em diversos trabalhos, notadamente na introdução de seu livro *Origem do drama barroco alemão* (1924) para designar o seu “método” de ler, escrever e filosofar (que naquele momento pretendia apresentar, a saber, uma pesquisa sobre peças de teatro do drama barroco – o *Trauerspiel*). Defende ele que “as ideias relacionam-se com as coisas como as constelações com as estrelas” e segue dizendo que

as ideias são constelações eternas, e se os elementos se podem conceber como pontos em tais constelações, os fenômenos estão nelas simultaneamente dispersos e salvos [...] os fenômenos são mais claramente visíveis nos extremos da constelação” (Benjamin, 2011, p. 22-23).

Não cabe aqui, dada a complexidade da “proposição epistemológica-crítica” de Benjamin no livro, uma ampla e detalhada exposição da compreensão do filósofo sobre como se dá o conhecimento (pelo menos no domínio de sua pesquisa sobre o Drama Barroco) e seu paralelo com a ideia de constelação. O que nos importa é o destaque que o autor dá para a noção de constelação como modo de se realizar uma espécie de configuração de um tema de investigação, de como se fazer uma pesquisa em um determinado campo do saber, algo que se comporta como “um princípio epistemológico-crítico” da pesquisa, enfim uma *ideia* (uma configuração de “beleza e verdade” como pode ser conferida no respectivo trabalho)⁵. As ideias filosóficas sobre algo, defende o pensador alemão, se comportariam como uma constelação, onde as estrelas que a formam (e isso inclui planetas, luas, cometas e demais corpos celestes que giram ao redor) se comparam a diversos (e dispersos) e complexos fenômenos e objetos que somente “são salvos” quanto agrupados em uma mesma ideia-

³As *Teorias Críticas do Currículo*, como a *Nova Sociologia do Currículo* do cientista social britânico Michael Young, pesquisam como os currículos refletem e mantêm as relações de poder e ideologias dominantes na sociedade, investigando como isso contribui para a reprodução de desigualdades e injustiças. Cf. Young, 2014, p.190-202.

⁴ Um bom exemplo deste uso sensacionalista do termo em práticas controversas se encontra na terapia alternativa chamada “Constelação Familiar”, criada pelo psicoterapeuta alemão Bert Hellinger na década de 1970 e atualmente questionada pelo Conselho Federal de Psicologia brasileiro (Cf. CFP, Nota Técnica nº 1/2023).

⁵ Cf. Benjamin, 2011, p.18-20.

constelação. Assim como as constelações, as ideias podem ser eternas, mas só “existem” quando observadas/contempladas e, por sua vez, só são “melhor delimitadas” quando vistas pelos elementos extremos/limítrofes que lhe oferecem os contornos. A posição de Benjamin, desse modo, afasta-se da analítica racionalizadora de Descartes (que ajudou a estabelecer um paradigma para a ciência e o pensamento moderno, como se sabe, para educação) e aproxima-se do perspectivismo de Nietzsche quanto a posição em relação a noção de verdade e a compreensão do “método”. Assim sendo, a ideia-constelação não pode ser “formada” pela dedução, pela universalização, pela generalização ou, muito menos, por uma “média” estatística de elementos vários.

Nesse mesmo sentido, o trabalho de Benjamin nos mobiliza a pensar o “pensar a contrapelo”, a pensar a *ideia* a ser “pensada a contrapelo” como uma imagem a ser contemplada (uma constelação de estrelas, uma “imagem estelar” – *Sternbild*⁶), ou também, como uma montagem estética (como na arte fotográfica moderna, no cinema ou no teatro de vanguarda) e, ainda, como uma espécie de mosaico. Um mosaico que reúne diversos fragmentos, diversos elementos/fenômenos únicos, complexos e belos que “são salvos” na montagem a ser contemplada. Escreve Benjamin (2011, p. 17) que:

o valor dos fragmentos no pensamento é tanto mais decisivo quanto menos imediata é a sua relação com a concepção de fundo, e desse valor depende o fulgor da representação [*Darstellung* – apresentação], na mesma medida em que o do mosaico depende da qualidade da pasta [cola] de vidro.

3. O currículo como constelação

As pesquisadoras Nassima Sahraoui e Caroline Sauter (2018, p.9) afirmam que “o conceito de constelação é uma proeminente figura usada cada vez mais em vários campos e contextos das ciências humanas atualmente”. E destacam ainda que:

de fato, parece estar na moda falar de uma constelação de conceitos, eventos, ideias ou qualquer outro tipo de material, conforme manifestado nas muitas publicações recentes que apresentam o termo “constelação” em seu título (Sahraoui & Sauter, 2018, p.10).

As pesquisadoras, no entanto, ressaltam que Benjamin foi pioneiro em muitos modos de leitura crítica utilizados atualmente e que utilizava o termo constelação não como mera metáfora, mas como princípio de seu “método”. Essa forma peculiar de atividade crítica do filósofo, representada por este “pensar por constelações”, por um “apreender (e aprender) por constelações” denota a importância da defesa de um modo de percepção relacional do tempo e do espaço na qual é incontornável o cruzamento entre passado e presente na compreensão dos

⁶ Cf. Sahraoui & Sauter, 2018, p. 9.

instantes, dos momentos do tempo-do-agora (*Jetztzeit*).

Seguindo esta mesma perspectiva, o pesquisador estadunidense Tyson Lewis, na obra *Walter Benjamin's Antifascist Education*(2020), a partir de profundo e muito bem detalhado mergulho na obra de Benjamin aliado à suas experiências políticas e didáticas como professor de arte e educação,propõe uma virada/guinada constelacional do currículo como forma de contenção e combate das práticas formativas que alimentam as manifestações do crescente autoritarismo, reacionarismo e, sobretudo, fascismo no meio educacional e na cultura em geral. Para Lewis (2021, p.20), a construção de uma constelação curricular é uma “manobra altamente tática” com vistas a produção de um “choque educacional” que devolva a cultura atual, cujas tendências históricas têm produzido sem cessar a frieza, a dureza e a manipulação fascistas, uma “vida educativa cheia de potencialidades”.

O pesquisador norte-americano compreende as várias práticas vividas e ou apenas analisadas e descritas por Benjamin ao longo de sua obra (tais como perambulações/flanagens pelas cidades, contação e transmissão radiofônicas de histórias para crianças, performances no teatro e no cinema, montagens fotográficas, a produção de livros e cartilhas infantis, a coleções de itens diversos, os jogos, as brincadeiras e as adivinhações infantis etc.) como **formas educativas** (*educationalforms* – traduzido/adaptado da noção alemã de *Bildung*, relativo a “formação”, “dar forma” - *Bild*) (Cf. Lewis, idem). Estas formas podem, *taticamente*, compor uma constelação curricular e, assim,oferecer potencialidades pedagógicas únicas no cultivo de uma vida educacional antifascista. Estas formas educativas diversas podem (e devem) ser organizadas, de tal modo a fugir dos ditames instrumentais do atual sistema político-econômico-cultural.Podem estar numa configuração temporal e contextualmente específica relacionando elementos que não possuem conexões necessárias preexistentes (como na ideia sequencial, “etapista” e principialista de “grade curricular” ou “base curricular”) e que assim preservem sempre um potencial para “iluminar momentos históricos” presente diante da ameaça neofascista. Essa especial organização curricular de formas educativas somente pode se dar de modo constelacional.

Cada forma educativa destas, escreve Lewis (2021, p.18), “oferece um potencial alquímico (em vez de potencial de desenvolvimento) para a mudança/mutação na cisão de pensamentos, corpos e sensações e o modo como eles se relacionam”.Lembra Lewis (Idem)que o sistema (político-econômico-cultural), pleno apenas de empobrecidas “vivências de choque” (*Schockerlebnis*), produz o fascismo ao produzir (em massa) o entorpecimento dos sentidos e o congelamento das capacidades críticas. Assim, o potencial antifascista das formas educativas presentes na obra de Benjamin estaria em produzir um “alter-

choque”educacional(um outro tipo de choque), ainda que, inicialmente,no plano empobrecidodasvivências (*Erlebnis*), mas que colocaria os sujeitos em um confronto perceptivo-cognitivo com o sistema, desorganizando-o, desfamiliarizando-o, e abrindo a sensibilidade e percepçõesde seus corpos à diferença e àoutras experiências formativasmais significativas (agora enquanto *Erfahrung*).

4. As “formas educativas” de alguns trabalhos de Benjamin

A educação foi preocupação constante de Walter Benjamin em sua obra. O que tem levado muitos pesquisadores a incluí-lo no rol dos pensadores da educação⁷. Desde os seus textos juvenis (metafísicos) até os seus últimos esforços dedicados ao estudo das transformações das metrópoles modernas pela visão das *Passagens* parisienses, Benjamin olhou criticamente as instituições educacionais, a relação da criança e do jovem com a escola e a Universidade, as mudanças no plano da experiência e dos processos formativos, o ensino de moral, de história, de arte e de filosofia, o papel dos livros na formação cultural, o aporte da tecnologia no processo de conscientização e politização (como no caso do rádio e do cinema).Além disso, ousou aliar esta visão crítica sobre o campo da educação com a realização de algumas atividades práticas, como escrever, produzir e apresentar peças radiofônicas para crianças, escrever e auxiliar na produção de trabalhos para o teatro de jovens, escrever histórias e jogos de adivinhação para o público infantil, colecionar e analisar brinquedos e livros infantis, entre outras iniciativas mais que se tornaram bastante significativas para a construção de seu peculiar modo de pensar a realidade.

De cada produto resultante destas diversas atividades de crítico da educação e, podemos dizer, de “pedagogo”, que Benjamin exerceu, pode-se indicar uma “forma educativa” que compõe, conforme já indicado anteriormente, uma constelação curricular carregada de potencialidades vivas para a educação. Como as atividades foram várias, as formas educativas que podem ser delas deduzidas também são vastas, assim nos cabe aqui uma visão panorâmica sobre o tema com algumas incursões mais detidas em algumas dessas iniciativas do filósofo, buscando, dentre estas, aquelas que melhor representam o caráter eminentemente antifascista de sua produção.

De um modo geral, pode-se assumir que Benjamin, a todo momento, reposiciona ideias, conceitos, debates e tensões encontrados ao longo da história da filosofia, com especial

⁷É o que atesta o grande número de artigos e livros publicados nos últimos anos sobre o tema. A título de exemplo pode-se indicar o trabalho *Política, cidade e educação: itinerários de Walter Benjamin* (2009), organizado por Sonia Kramer e Solange Jobim e Souza e, mais recente, o já citado trabalho *Walter Benjamin's Antifascist Education: From Riddle to Radio* (2020) de Tyson Lewys.

atenção para o campo da estética, o que acaba alimentando o potencial educativo de muitas de suas produções. Assim, podemos ver o filósofo como um grande intérprete da tradição do pensamento ocidental, mas, sobretudo, alguém que subverte, desconstrói (inspiração para Derrida), revira, torce, joga, brinca (e esses já são conceitos importantes), enfim vê e lê a contrapelo e nos convida a fazê-lo igualmente. Talvez esse seja o grande convite educativo da obra de Benjamin!

Assim, podemos ver nos trabalhos do autor a abordagem “mais convencional” de temas, vamos dizer assim, “mais clássicos” da filosofia, como aqueles que tratam da verdade, do conhecimento, da linguagem, da moral, da história, da beleza, da política, mas também em outros trabalhos e, muitas vezes nos mesmos escritos, resoluções e soluções nada tradicionais. A título de exemplo, mas ainda de modo bastante panorâmico, podemos indicar um tema clássico para as áreas da filosofia e da educação que são lidos a contrapelo por Benjamin: a mimese. O conceito é fundamental para a compreensão da aposta do pensador em várias “formas educativas” de seus trabalhos.

O “caso” da mimese é emblemático porque trata-se de um conceito clássico da filosofia e que remonta aos primórdios do pensamento ocidental (vide a sua importância para os sistemas filosófico platônico e aristotélico), é de fundamental relevância para a compreensão da discussão sobre o símbolo e a alegoria renascentista e barroca, torna-se indispensável ao entendimento da formação estética pela “bela aparência” no romantismo, é posicionada criticamente no esquema materialista da função da arte pelo marxismo (ao exemplo do que fez G. Lukács), por fim, entre outros momentos e apropriações, é pensada enquanto parte indispensável do dispositivo psíquico infantil pela psicanálise. Benjamin, nesse caso, toma par com muita propriedade de todo esse percurso e reposiciona o tema de tal modo a auxiliar na sustentação de suas atividades pedagógicas.

Para o filósofo (Benjamin, 2002, 2012 e 2018, passim), o conceito de mimese deve ser compreendido no contexto de uma faculdade mimética que nos faz compreender o comportamento humano em geral. Se valendo de diferentes fontes teóricas, de Freud, Vigotski e Piaget, a Kant, Schiller e Erich Auerbach, a composição de Benjamin sobre a faculdade mimética nos auxilia a ressignificar a função do jogo e do brincar na educação como um todo e, em especial na infância; e a entender a relação destes com uma nova visão sobre a técnica não como dominadora da natureza e dos homens, mas como libertadora de um “espaço de jogo” (*Spielraum*) como será observado em seus trabalhos sobre o teatro, o rádio e, sobretudo, o cinema. Sobre a faculdade mimética e as relações com a infância, escreve Benjamin (2018, p.53) que:

Os jogos infantis são desde logo, e em toda parte, marcados por comportamentos miméticos, e o seu âmbito de modo nenhum se restringe à imitação de outras pessoas. A criança não brinca apenas de lojista e de professor, imita também moinhos de vento e trens.

Esse “poder” da mimese, enquanto faculdade mimética, pode ser embotado pelas configurações históricas da economia, política e cultura (pelo “sistema”) nos tornando mais “frios” e “insensíveis” e, com isto, mais suscetíveis a manipulação (como no caso do fascismo) ou pode ser organizado/reorganizado “taticamente” de tal modo a potencializar um despertar educativo libertador. É o que nos lembra Lewis em sua avaliação do potencial antifascista da obra de Benjamin, para ele:

a mimese simultaneamente desloca atores e ações para novos domínios que de outra forma poderiam ser considerados díspares ou inadequados e através desse deslocamento, abre-se para a potencialidade de novos hábitos e novas formas de vida emergirem de dentro da natureza plástica da brincadeira. Para nós, uma afinidade pré-individual pela alteridade é expressa no emaranhado mimético da criança com uma variedade de objetos, lugares, práticas, tecnologias e criaturas que desperta o corpo para gestos alternativos e indeterminados, sem destinos ou usos pré-determinados (Lewis, 2021, p. 19).

Desse modo, considerando o reposicionamento teórico do conceito de mimese, realizado por Benjamin, na constituição de toda uma faculdade mimética do comportamento humano é que podemos notar seu interesse em realizar uma “conceituação filosófica do brinqueado” (Benjamin, 2002, p.93)questionando o empobrecimento do brincar (e das experiências formativas a ele atreladas) nas sociedades industrializadas, da defesa de uma “libertação radical do jogo” (Benjamin, 2002, p. 102)pelo teatro e pelo cinema como contraponto ao moralismo da educação burguesa capitalista, por fim, como forma de contenção de uma forma de “pedagogia colonizadora” (Benjamin, 2002, p.147),que guiada por um tipo de psicologia do desenvolvimento (também burguesa) compreende a sensibilidade infantil como menor, primitiva e estranha e que deve ser, a todo custo, “civilizada”.

Conclusão: Distraídos venceremos!

Por certo que o espaço para este trabalho é insuficiente para uma apresentação mais adequada e pormenorizada do rico e diverso conjunto de “formas educativas” presentes no trabalho do filósofo Walter Benjamin. É um autor que viveu pouco, mas produziu muito e de modo denso e intenso. O mapeamento das potencialidades educativas dos conceitos, ideias, experiências, tensões e reflexões presentes nos escritos do filósofo é também, ainda, um

trabalho em vias de construção. Sobretudo potencialidades que têm muito a oferecer no combate às manifestações do fascismo atual em nossas sociedades.

Não poderíamos, no entanto, encerrar sem destacar, a partir de Benjamin, talvez mais indicar como caminho alternativo para uma educação antifascista, sempre nessa perspectiva “a contrapelo”, a necessidade do constante elogio da distração nos processos formativos. Por isso o anúncio imperativo no título desta seção, retirado do título da obra do poeta Paulo Leminski (1944-1989).

Etimologicamente falando, *distração* se refere a um *dis-tracionar*, a um movimento contrário ao que traciona, puxa, enreda, carrega, leva, tensiona. No popular, parece se configurar como o arqui-inimigo de todas as aulas consideradas boas: “Não se distraiam! Prestem a atenção!”, alertam constantemente os professores. Também parece ser um dos alvos preferidos de toda a crítica ao conjunto de produtos da indústria cultural: “É mero entretenimento feito para distrair!”, dizem alguns críticos pedantes sobre certas obras de apelo popular. No entanto, a partir de Benjamin, podemos compreender a distração não como mera interrupção mental ou conceitual, mas como uma forma, com grande potencial libertador, de intensificação e extensão das energias psíquicas e fisiológicas, uma forma de incorporação ou *inervação*⁸ perceptiva. À medida que, em uma forma educativa (que só pode ser pensada em um currículo arranjado consteladamente), a distração pode nos levar “para fora” de enredamentos impostos previamente pelo sistema (político-econômico-cultural e seu desdobramento no educacional), mobilizando com isso a sensibilidade toda de nossos corpos e mentes, ela acaba afrouxando partições habituais e modos fixos de sentir o eu, os outros e o mundo (Cf. Lewis 2021, p. 19).

E essa distração, diferentemente da outra distração operada pelo aparato midiático e tecnológico atual (que mais lembra o oposto do que se espera de uma verdadeira distração) é que teria a capacidade de expandir o campo de sensações (fundamental e até de certo modo constituidor do que se entende por formação/educação) e induzir a um “efeito de desvio” no campo perceptivo geral. Esse efeito de desvio sensorio perceptivo, mais do que a proposta tradicional (iluminista) de uma conscientização ou esclarecimento geral é que teria a capacidade de abolir, mesmo que momentaneamente, como num “agora de cognoscibilidade”, as fronteiras do que pode ou não pode ser visto e/ou pensado e, assim,

⁸ Lewis (2021, p. 18-19) traz, a partir de referência ao trabalho da pesquisadora alemã Miriam Hansen, a definição de inervação como um “processo ou transferência bidirecional” que não apenas converte energia mental e afetiva em forma somática e motora, como também possibilita reconverter e recuperar a energia psíquica perdida através da estimulação motora com a finalidade de produzir uma energia fortalecedora e ativa que se contrapõe a mera adaptação negativa com o mundo.

“libertar o vindouro” para algo novo, para algo calcado na diferença, na alteridade, na pluralidade e que teria forças para vencer, nunca em definitivo, a constante ameaça catastrófica do fascismo atual.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Linguagem, tradução e literatura: filosofia, teoria e crítica*. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, revisão técnica de Márcio Selligmann-Silva e prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Nota técnica CFP Nº 1/2023*. Brasília: CFP, 2023.

KRAMER, Sônia. JOBIN & SOUZA, Solange. (Org.) *Política, Educação, Cidade: itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2009.

LEWIS, Tyson. *Walter Benjamin's Antifascist Education: From Riddles to Radio*. Nova Iorque - EUA: SUNY Press, 2020.

SAHRAOUI, Nassima & SAUTER, Caroline (Org.). *Thinking in Constellations: Walter Benjamin in the Humanities*. Newcastle upon Tyne - UK: Cambridge Scholars Publishing, 2018.

YOUNG, Michael. “Teoria do currículo: o que é e por que é importante”. Tradução de Leda Beck. *Caderno de Pesquisas*, São Paulo, n. 44 (151), p.190-202, mar. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053142851> Acesso em: 25 mar. 2024.